

Transcrição da palestra proferida no dia 13/05/2006 pelo Prof. **Dr. Ricardo Amorim**, economista e professor, que atuou como assessor econômico da Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade Prefeitura de São Paulo entre 2001 e 2004.

Bom Dia. Muito obrigado pelo convite, professores. Também agradeço ao professor Sérgio Gomes, quem me convidou. Fiquei muito honrado, de verdade, em estar aqui com vocês, até porque ele me contou a história da OBORÉ. Fiquei muito contente em participar até pelo lado de leitor de jornal. A qualidade da comunicação brasileira, tem gente se esforçando para deixá-la cada vez melhor. Obrigado por terem vindo. Vamos falar de um assunto espinhoso – pobreza, desigualdade e São Paulo, essa cidade tão confusa, tão mesclada, tão diferente, que a gente vive lidando, diariamente com ela, mas que, por vezes, não a entende. E, às vezes, nem a conhece.

Para avançarmos nessa questão de São Paulo, gostaria de começar com o seguinte caso: São Paulo que a gente conhece hoje, obviamente, não teve sempre essa cara. São Paulo começou com outro jeito e a partir dos anos 30, a partir daquele golpe do Vargas, enfim, São Paulo teve uma mudança impressionante e muito rápida. São Paulo se transformou numa outra coisa que não se imaginava que poderia vir a ser numa cidade latinoamericana nos anos 30, nos anos 50 e depois nos anos 2000. São Paulo começa de uma cidade praticamente fruto do café para, a partir dos anos 30, se transformar numa cidade cada vez mais industrial, cada vez mais importante e vigorosa economicamente. E com isso, começa a surgir também um mercado que acaba gerando não só emprego, trabalho e renda, mas também, as primeiras classes sociais mais modernas do país.

Começam a surgir as classes médias, em São Paulo e também grupos vinculados a serviços, a comércio, à indústria e operários. Vejam: não é que tudo isso não existia antes, mas não era significativo. Eles começam a ser tornar muito importantes a partir de então.

São Paulo acompanha, portanto, basicamente o processo de industrialização brasileira. São Paulo é o centro da industrialização brasileira. E quando nós chegamos ao final dos anos 50 e 60, São Paulo já era outra. Ontem eu estava em uma lanchonete e lá havia umas fotos de São Paulo. Interessante que havia uma sequência histórica; começava bem antiga, com uma foto da Avenida Paulista. E tinha uma foto do Vale do Anhangabaú, em 1950. Quando olhei aquela foto, percebi que era parecido aos Estados Unidos moderno, de décadas atrás - grandes prédios com anúncios enormes. Era uma cidade moderna, uma cidade completamente diferente do que era 50 anos antes. Era um outro mundo, uma outra cidade.

O país também tinha mudado: deixou de ser agrário exportador e virou um país industrial e com isso transformações políticas e sociais, principalmente, na formação da população. Isso vai culminar, no final da década de 70 e início dos anos 80, num país onde o processo industrial é o que manda. Nós

vínhamos com um crescimento absolutamente vigoroso econômica e industrialmente e, o mais importante, esse sistema, mesmo com todos os seus problemas, gravidades sociais e crises, era um sistema que ainda assim gerava uma esperança de mobilidade social ascendente. Os empregos eram gerados na cidade. As pessoas migravam para cá e, por mais que não encontrassem a inserção sonhada, a situação era bem melhor do que aquela que eles estavam vivendo antes. Era uma inserção mais ascendente do que a gente poderia, sequer, imaginar para o período atual.

Essa migração que São Paulo sofre - até pelo crescimento e atratividade que a cidade tem e pela própria expulsão que o campo impinge aos seus trabalhadores -, acaba gerando, naquele mapa tradicional de SP, um centro rico e perceptíveis anéis, em volta, de crescente pobreza, até chegar na periferia da cidade. Nos anos 80, já havia uma periferia bastante significativa, bastante pobre e já complicada. Mas ainda assim, de maneira alguma minimizando o problema, hoje a coisa tomou ares absolutamente inaceitáveis, eu imagino. A periferia de São Paulo hoje tem uma cara muito mais complicada - a gente já vai ver o porquê - do que tinha naquela época. A periferia já existia, já era grave e tem até aquele livro famoso, da Carolina de Jesus ("Quarto de Despejo", Ed. Ática), em que ela contava a gravidade do problema da pobreza nas favelas de São Paulo décadas atrás.

Temos então uma cidade industrial que gerou emprego, que cresceu, que tem renda, que tem classes complexas, que tem a classe média relativamente forte, tem uma elite impressionante e que concentrava, naquela época, 36% dos ricos do país, o que é um dado absolutamente inacreditável para uma cidade. Mas, a partir daí, se vocês bem lembram, o Brasil entra em crise. A partir dos anos 80, aquela taxa de crescimento que vinha puxando o país pra frente, que vinha de certo modo gerando empregos e puxando uma esperança de mobilidade social ascendente, pára. Nós temos, inclusive nos começo dos anos 80, depois de muitas décadas, uma queda na renda per capita do brasileiro. Lógico que quem tinha mais meios de defesa perdeu menos. Quem não tinha defesa alguma, sofreu mais o problema.

A cidade então, pára de crescer. Muito bem passamos a década de 80 com um ciclo inflacionário terrível, Plano Cruzado, Plano Bresser, Plano Verão, enfim, aquele festival de coisas acontecendo, tentando conter um processo inflacionário que é danoso e que não é nossa discussão aqui. De qualquer modo, naquele momento, o Brasil passou praticamente dez anos sem investir, sem crescer, gerando empregos em baixa quantidade, gerando crescimento de renda absolutamente pífio e que, por isso, era incapaz, portanto, de continuar sendo expressão daquele sonho da classe média e até mesmo das pessoas que migravam para cá. Até a migração para São Paulo começa a sofrer não um refluxo, mas uma diminuição acelerada nesse período.

Muito bem, foram dez anos sem investimento. E aí vêm os anos 90, quando temos aquele discurso neoliberal, que domina as palavras dos economistas e que exalta o mercado e deixa o Estado de fora. Isso acontece num momento extremamente complicado - nós vínhamos como um país que não investia há dez

anos e, portanto, estava atrasado tecnologicamente; era um país que já vinha há dez anos sem crescimento econômico, e, conseqüentemente estava sem mobilidade social nenhuma.

Os anos 90 só vão piorar esse quadro. Quando você abre o mercado de uma vez e valoriza o câmbio - e isso significa que o dólar está barato e que, conseqüentemente, importar coisas está barato e comprar coisas em dólar está barato - você traz para dentro do país uma competição internacional que, nos anos em que não investimos, investiu, se modernizou e fez um processo de revolução tecnológica muito forte, com a internet e máquinas computadorizadas que nós não tínhamos.

Há até uma história interessante de que no período inflacionário o Carrefour (outras redes de supermercados também), comprava refrigerante a R\$2,00 e vendia a R\$1,50, portanto, com prejuízo. Entretanto, ele conseguia uma venda muito rápida, fazia dinheiro na boca do caixa, colocava no mercado financeiro e ganhava no no circuito financeiro. O lucro financeiro dele era maior que o lucro operacional. Que empresa vai investir num momento desse? Não vai. É uma loucura. Esse é o período inflacionário.

Naqueles dez anos em que a gente não investiu, lá fora aconteceram investimentos e quando a gente abre de uma vez, as empresas brasileiras obviamente não tinham como competir com as internacionais. Não havia como competir não apenas com as empresas internacionais que vinham pra cá, mas também com as importações. Lembram das malharias Hering, Sulfabril, Malwee. Onde estão? A Hering mudou seu patamar. Brinquedos Estrela, lembram? Acabou. Essas empresas não resistiram. Quem mora aqui na Zona Leste de São Paulo e anda pela Radial, conhece aquele mundaréu de galpões da Radial que era, antigamente, fábricas e que agora são qualquer coisa, desde igreja, bingo, churrascaria, menos fábrica. E às vezes não são nada, porque ainda tem máquinas lá dentro. De qualquer modo, essas empresas não resistem, fecham, se reestruturam, mandam gente embora.

Todo mundo tem alguém na família – um tio, um cunhado, um sobrinho – que perdeu o emprego, nesse período dos anos 90. A taxa de desemprego em São Paulo alcança patamares inacreditáveis para um Brasil que, desde os anos 30, vinha crescendo a taxas históricas muito boas. As taxas médias de crescimento eram muito boas. E então vem o desemprego e o problema dos fechamentos de empresas acontecendo no Brasil e a nossa taxa de crescimento econômico era pior, em média, que nos anos 80. A década perdida, os anos 80, é melhor que os anos 90 em termos de crescimento econômico.

Isso vai refletir na estrutura econômica do país, na mobilidade social e na renda das pessoas que vivem no país. Pior ainda – imaginem as empresas paulistanas submetidas a esse tipo de concorrência e tendo que fechar as suas portas, que reestruturar e que mudar a forma de ação, mudando, inclusive, de região. Às vezes a empresa nem fecha, ela sai daqui e vai para a grande São Paulo ou para o interior do estado. Resultado: imaginem o que vai acontecer com o desemprego na cidade paulistana. O que vai acontecer com a renda e com a arrecadação fiscal da cidade de São Paulo. Nós vamos ter um momento em que São Paulo sofre um declínio econômico. Sendo essa cidade o centro da indústria e o setor

econômico mais sofrido com a abertura, será exatamente aqui que o problema se tornará mais grave. Isso ocorreu em todas as metrópoles, acontece que São Paulo é o centro maior e por isso sofreu mais.

E então, vamos para a questão da desigualdade e para a questão da renda em São Paulo. Se observarmos esse processo acontecendo na cidade de São Paulo e se acompanharmos os censos demográficos, de 10 em 10 anos, a gente vai reparar no seguinte: naquela “cruz” tradicional, a que se assemelha o mapa de São Paulo, há os anéis que conhecemos do centro-sul, um pouco mais ricos; um anel externo um pouco melhor e mais uns dois anéis que se expandem para fora da cidade.

O centro-sul de São Paulo, que é a parte mais rica da cidade, continua concentrando a riqueza, mas isso não é grave. O grave é que nós começamos a observar que há uma migração para a região pobre da cidade – a população cresce, mas cresce muito mais aceleradamente a periferia da cidade. Cresce de maneira muito mais grave a periferia da cidade, ocupando regiões como a Cidade Tiradentes. Essa região, que era mata no começo dos anos 80, chega aos anos 90 já com alguma população e quando chega no ano 2000 já é uma cidade a parte – uma cidade sem calçamento, asfalto, hospital e com transporte público precário. Mesmo assim é uma cidade com uma população enorme, de quase 240 mil habitantes. São migrantes? Não. São migrantes internos, da própria cidade, gente que empobreceu e foi ocupando cada vez mais as periferias da cidade.

Nós conseguimos observar claramente pelo censo também alguns números graves, por exemplo: a taxa de crescimento da população nas regiões mais ricas é praticamente estável, segue mais ou menos as taxas de crescimento da cidade; nas regiões médias, é a mesma coisa; na região periférica, a população explode. Ao mesmo tempo, e aí o quadro vai ficando mais grave, você observa que a taxa de violência, entendido isso como assassinatos por 100 mil habitantes, nas regiões mais ricas cai. E onde ela cresceu? Na periferia. Os índices de assassinatos na periferia da cidade são muito maiores e cresceram muito mais do que nas regiões mais abastadas da cidade. Há um empobrecimento da cidade, a população de classe média baixa ou que empobreceu caminha em direção à periferia e lá não encontra condições de serviços públicos em geral e também não encontra segurança. A violência impera nessas regiões. O mapa da violência, com base em índices de morte violenta por cem mil habitantes, casa perfeitamente com o mapa da pobreza. Eles estão praticamente sobrepostos. Se analisarmos educação, saúde, etc, tudo se sobrepõe. Os mapas se sobrepõe sempre na pior região, na periferia da cidade.

Isso significa que a cidade empobreceu? Que caminhamos rumo a um declínio geral da renda? Não foi bem isso que aconteceu. Se continuarmos acompanhando esses mapas, repararemos que na cidade de São Paulo – como acontece no restante do Brasil, mas como aqui é o centro mais desenvolvido, isso acaba sendo espalhado por todo país em menor ou maior grau, mas isso é um movimento geral das grandes cidades – você observa que as classes mais ricas conseguiram se defender relativamente bem das crises acontecidas nos anos 80 e 90. Se defenderam até com grande sucesso. Se nós imaginarmos que São

Paulo, para tornar mais grave a situação ainda, aumentou sua concentração de famílias ricas aqui, em relação às demais regiões do país. Dá pra ver que o pessoal paulistano mais rico, está bem situado, digamos assim.

Dali para baixo, senhores, é que está o problema. A classe média, e eu imagino que vocês devam ter vivido isso na pele de vocês, já sofreu as conseqüências graves das mudanças dos anos 90. Há três anos fizemos um estudo e dividimos essa classe em três blocos – classe média alta, mediana e baixa e observamos que a classe média mais alta sofreu pouco nesse momento. E estamos falando de gerentes e diretores de empresa, alta burocracia do estado, enfim, pessoas que conseguiram se defender relativamente bem e estão mais próximas da elite do que do pessoal mais pobre. A classe média mediana – pequenos gerentes e executivos, em geral de banco – teve uma queda de renda muito significativa. A participação deles no conjunto da classe média foi de queda, nas duas últimas décadas. Se usarmos dados percentuais, o que cresceu foi a classe média baixa. Ou seja, a classe média também perdeu recursos, o que é lógico. Por exemplo: se você fecha uma empresa, o que acontece com o extrato médio dessa empresa é demitido. E aí, o trabalhador que já conta com quarenta anos vai se empregar onde? Não tem trabalho para ele.

E a classe mais pobre? Essa classe que já não tinha muito emprego, não tinha muito como conseguir boa colocação no mercado de trabalho e conseqüentemente boa renda, essa perde a chance de se tornar operária. Nem isso ela consegue mais. Carteira de trabalho assinada passa a ser um luxo. O que é algo assustador.

Para gente ter uma idéia, nos últimos dois anos, de cada 10 empregos gerados, sete são de remunerações até dois salários mínimos. Veja, nos empregos formais. E onde estão as vagas para a classe média? Os pobres então, vão começar a sofrer a concorrência não só entre eles mesmos, que é uma concorrência bem difícil, ainda por cima da classe média decadente. A desigualdade em São Paulo, portanto, expandiu-se e então temos os reflexos da violência começando a aparecer na cidade.

Outro dado interessante: se pegarmos um outro estudo que fizemos há tempos atrás, veremos claramente que pobreza e violência, no Brasil, não casam. Os municípios violentos não são os municípios pobres. A violência está concentrada nas grandes cidades. Então não há relação entre pobreza e violência. Agora, se você for para as grandes cidades, esses mapas batem – pobreza e violência estão juntos. Essa relação não acontece no Brasil, mas sim nas grandes cidades. E nesse ponto existem uma série de estudos sociológicos que buscam entender essa questão. O problema é ter uma desigualdade e expor essa juventude à coisas que eles não podem ter.

Se você tentar entrar na periferia, sem qualquer contato anterior, você será um estranho. Você não será um morador da cidade, você será quase um inimigo. Você será o “outro”. Não há reconhecimento social entre as classes. Não há identidade, na cidade, entre os seus habitantes. A diferença social é tão

grave, tão absurda e tão assustadora que há um esgarçamento da identidade entre seus habitantes. Aliás eu diria que nem é um esgarçamento mais, já é um rasgo.

Ou seja, São Paulo cresceu muito, por ser um centro industrial, na hora que teve a crise declinou e quando declinou quem conseguiu defender sua renda manteve-se numa situação confortável. Quem não teve condições de manter essa situação, que era assalariado, como por exemplo a classe média, ou já era pobre e não tinha condição de competir no mercado de trabalho foi jogado para escanteio, para os cantos da cidade.

São Paulo tem esse problema grave que é o empobrecimento na cidade de São Paulo e o aumento da desigualdade em toda sua extensão, pelos anéis que a gente já tinha comentado. E logicamente isso vai sendo acompanhando dentro de uma sociedade que nunca reconheceu seus membros como cidadãos. Mas isso já é uma opinião muito pessoal. Nunca fomos uma nação. Nós temos medo do outro, nós nos super-colocamos ou o outro se superpõe a nós. É uma sociedade bastante violenta e desigual no tratamento das relações entre seus habitantes. Isso aconteceu em São Paulo e a violência vem acompanhando isso.

Essa violência se tornou insuportável. Hoje a gente tem medo de uma criança no farol. Quando uma delas se aproxima de você, você fecha o vidro, o que é uma loucura. Não tem cabimento você ter medo de uma criança de dez anos. Essa situação não caiu do céu; nós a construímos, nós fizemos a cidade desse jeito, nós fizemos o país caminhar dessa maneira. E aí vem aquela frase: “Ah, mas eu não votei nesse cara”. Tudo bem, mas você só votou. E no que você mexeu? O que você tentou? A sociedade em conjunto decidiu por esse caminho. Enfim, nós temos culpa no cartório. E então culpa-se “os poderosos”, “a mídia”. Aliás, volta e meia vocês são acusados - não o jornalista em si, mas a mídia. Tudo isso é verdade e é relevante considerar todos esses temas na discussão do problema, inclusive a fraqueza da nossa democracia eleitoral pura e simples. Enfim, tudo isso é discussão a ser levada adiante, mas que cabe apenas a nós qualquer papel de mudança, de ação em cima da realidade, não resta dúvida. Não vai vir ninguém de fora para ajudar a gente e digamos assim, que está bem vai resistir até o fim para mudar qualquer coisa.